

Uma grave ameaça impende sobre o inquilinato

A questão entre inquilinos e senhores vai de novo acender-se. E assim há de acontecer enquanto subsistir a enorme crise de habitações, que não atinge somente Lisboa, mas todas as povoações, vilas e cidades do país. A construção de edificações tinha afrouxado bastante desde o período da guerra e daí os conflitos que se têm suscitado e se contam por milhares. A lei do inquilinato passou por sucessivas modificações e tantas vezes tem sido remendada que bem pode dizer-se que os inquilinos têm vivido em permanente sobresalto, vivendo no receio aliás justificado de que uma modificação na lei, feita de improviso, lhe arrebatasse, num ápice, a sua moradia e lhe atire com os seus haveres para a rua.

A história do inquilinato da guerra para cá tem sido uma série sucessiva de burlas, de violências e de mandados de despejo tentados quasi sempre com êxito por parte dos senhores. Assistiu-se a este espectáculo vergonhoso por parte dos beleguins da Boa Hora, casmando-se da facilidade com que estes miseráveis se vendiam e faziam, até contra as determinações dos juizes, mandados de despejo repentinos e ilegais. As modificações que se têm feito na lei não deram aos inquilinos direitos que eles de antemão não usufruíssem, acatavam-nos apenas contra os *trus* que os senhores empregavam, e com êxito, para sofismar os contratos de arrendamento. Mas ao mesmo tempo essas modificações vinham assegurar aos senhores direitos que eles até ali não possuíam.

Reclamou-se, por exemplo, e durante bastante tempo que os hóspedes passassem a ter existência jurídica a fim de se defenderem da grande exploração que até hoje, e impunemente, sobre eles tem incidido. Os legisladores de São Bento, esses Solons de via reduzida e de péssimas intenções, em vez de atenderem essa reclamação que era justíssima e beneficiaria muitas dezenas de milhares de pessoas, introduziram na lei uma disposição restringindo aos inquilinos o direito de alugarem quartos, sem um prévio acordo com o senhorio. O resultado foi o senhorio cobrar, para dar autorização ao inquilino de alugar uma parte da sua casa, uma quantia maior, agravando assim economicamente

CARTA DE ESPANHA

Substituiu-se o directório militar por um directório civil formado de militares

MADRID, 5 de Dezembro.—Foi «uma broma» a mudança havida agora na gestão política do militarismo espanhol. Primeiro de Rivera teve um réclame mundial, ajudado pelos censores que, na imprensa e nos telégrafos de Espanha, abafam toda a palavra de desmentido. A Europa teve de aceitar, apesar de não convencida, essa tremenda burla, verdadeiramente castelhana, que foi a mudança de um directório militar por um directório civil composto quasi exclusivamente de militares.

Depois de fazer constar que o seu governo iria mudar de figura—quereria dizer mudar de corpo?—Primeiro de Rivera atravessou as províncias, fazendo a propaganda de uns princípios políticos que não tem praticabilidade alguma. Regressando, o inculco ditador procedeu à substituição dos seus colaboradores, após uma ceia com sua majestade.

Contudo, parece que a substituição do directório não se fará sem que alguns dentes se mostrem e sem que vários despojos se revelem. Tanto que muitos generais procuraram avistar-se com Primo de Rivera, mas não foram recebidos.

Com a formação do directório civil—o directório «broma»—em vez de se transformar o actual regime político, subsiste a ditadura dos militares em todos os seus aspectos bárbaros de opressão e de violência. O arbitrio pessoal do rei e de alguns generais será a única lei da Espanha, e nem um arremedo liberal de constitucionalismo caracterizará a burla política.

As garantias constitucionais continuam suspensas, como se definitivamente as houvessem cortado. Tudo suprimido, por uma vez: a liberdade de associação, a expressão do pensamento, a liberdade de imprensa, o respeito pelo indivíduo. De pé, brutal, sanguinário, desumano, ficará a vontade do rei e a ditadura de Rivera.

As gazetas perdem todos os dias aquele interesse jornalístico e aquele encanto das notícias frescas que agrupam leitores e fazem opinião: a censura não deixará publicar outra coisa que não seja banalidade provinciana ou enumeração de sucesso já remoto.

Do Parlamento, dessa instituição que se diz ser a expressão liberal de um Estado, nem se fala, não está, porventura, em causa. Enquanto perdurar a ditadura militar,

com a sua falsa «patine» de directório civil, as instituições parlamentares não funcionarão uma hora, a não se dar o caso de o rei Afonso e o seu cúmplice se lembrarem de impingir à Europa... «otra broma mais chica».

No elenco desta farça, surge um nome sinistro: Martínez Anido, a quem se confiou, como ameaça a toda a veleiade de protesto, a pasta do Interior. Os generais, que foram afastados do directório, voltaram aos comandos de corpos na província, aniquilando o seu orgulho, irritada a sua prosápia de senhores absolutos e irresponsáveis.

Martínez Anido veio, porém, das alforjas trágicas de Barcelona ocupar uma situação predominante, onde a sua acção, determinada pelo seu instinto sanguinário e homicida, vai ser perniciosa para a dignidade e para a vida de toda a população do país. Sobretudo, a massa operária perde todas as esperanças de uma menor tensão nas contínuas repressões que a têm desorganizado.

Enfim, os estrangeiros afiçura-se, certamente, que a feição política da Espanha não mudou um traço na transformação do directório ditatorial que domina há mais de dois anos.

Contra as deportações sem julgamento

A convite da Comissão Pró-Regresso dos Deportados, realiza hoje o dr. sr. Marinho da Silva a sua conferência sobre a ilegalidade das deportações, a qual é dividida em três partes a saber:

I Aspecto jurídico
II Aspecto social
III Aspecto ridículo.

Esta conferência, que se efectua na sede da C. S. T., calçada do Combro, 38-A, 2.º, principia às 21 horas precisas e a ela devem comparecer todos os trabalhadores conscientes.

Sessão de protesto

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se no Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, largo do Marquês do Lavradio, 6, 1.º, uma sessão de protesto contra as deportações sem julgamento, devendo usar da palavra delegados da C. S. T., Comissão Pró-Regresso dos Deportados e do Sindicato que a promove. Todo o operariado em geral deve assistir.

Um olhar retrospectivo pelos pavilhões novos (?) do Manicómio Bombarda donde imana um odor pestilencial

Reatamos hoje as nossas impressões crónicas sobre a situação dos hospitais civis, suspensas há dez dias, por razões já do domínio público. O assunto preferido é como que a recapitação do que escrevemos sobre o Manicómio Bombarda, a fim de que o leitor possa fazer um perfeito juízo da miséria que campeia pelo velho hospital de alienados.

Lançando um olhar retrospectivo às enfermarias, verificamos que elas estão desprovidas de material cirúrgico que habilite os médicos a uma rápida operação. Desta inconveniência resulta, como já ficou dito, que quando um louco é acometido dum enfermidade estranha à alienação mental, tem que recolher a um outro hospital para ser tratado.

No que concerne às condições higiénicas das enfermarias vamos dizer a última palavra. Com grande incógnita foram classificadas por um nosso amigo, de camaratas de mendigos as enfermarias do Manicómio. Limpeza, por muito cuidadoso que seja o pessoal não é possível realizá-la dum modo eficiente. As vetustas edificações que servem de enfermarias estão em tal estado que, em boa justiça, ninguém pode exigir melhor do pessoal. Os próprios pavilhões novos—que sarcasmo!—são os mais flagrantes paradoxos. Primeiramente aceitamos como irónica a designação de novos dada aquelas pocilgas, donde dimanam as mais pútridas exalações!

Depois de que verificamos a dura realidade.

A alguns dos enfermos é conveniente dar-se diariamente um banho de limpeza. Para que tal se realize o paciente é banhado numa pequena celha de zinco, ao centro da enfermaria, exposto a todas as correntes de ar, porque a enfermaria não possui um único quarto de banho.

Na enfermaria 4 não há sentinas. Os dejectos são lançados numa pequena pia que está ladeada de duas celhas de madeiras cheias de água, e que fica logo à entrada, numa pequena arrecadação. Para maior indecência, para maior baixeza moral, a esta arrecadação serve também de refeitório!!!

Nas restantes enfermarias a sorte dos enfermos não é melhor. A mesma promiscuidade, a mesma lama se observa.

Pelas enfermarias há espalhadas umas caixas-retrêtes que impregnam a atmosfera dum odor pestilencial, e que servem aos loucos de noite. Além de anti-higiénicas, estas caixas, por vezes, transformam-se em instrumentos de agressão nas mãos dos loucos, quando nos seus acessos de fúria.

Na enfermaria 3 (entradas) não há um quarto de banho. Como o tratamento é mais aturado, em virtude do enfermo estar em observação, era elementaríssimo que tal se conseguisse, a fim de evitar o triste espectáculo que representa a vinda quasi cons-

APOS A VISITA

Uma interessante carta que o tigre Brahma dirige a Eduardo Frias

Meu caro jornalista: Se para mim foi surpresa a tua agradável visita não o foi menos para ti a rápida entrevista que comigo tiveste anteontem no vasto Coliseu dos Recreios. Não estava habituado a ver de perto, e com tanta cordialidade, o homem, tal qual o vestiu a civilização europeia, sem a imposição dum chicote de domador, antes fitando-me com simpatia, embora sempre desconfiado porque te ensinaram a precaver-te dos meus impetuosos gritos só esquecidos quando a minha pele aquece os pés dos burgueses, nos salões fastuosos dos directores do Angola e Metrópole.

Brahma me chamam, o criador de todos os seres conscientes, deus lendário que a omnipotência de outro deus gerou num ovo de ouro, onde me conservei durante muitos anos e que afinal dividi nos dois grandes hemisférios do céu e da terra, em cujo éter impalpável havia de medrar a raça humana de que tu descendes, talvez contrariado, mas assim mesmo. E é curioso como tu, jóvem libertário, novelista de fórmulas ousadas, filósofo a quem as mais pequenas coisas interessam, não hesitaste em defrontar-te confiante com a minha realza de tigre real, hoje tão demodé, nesta época de democracia com reis de outra espécie feitos pelo milhão e pela desvergonha!

O que pensaste de mim? Não sei. Porventura esperavas encontrar-me com os quatro braços e as duas cabeças que a mitologia me atribuiu, sustentando numa das mãos a esfera simbólica da imortalidade, na outra a língua de fogo que sintetisa a força e correndo as outras duas pelo livro representativo da faculdade inflexível de legislar?

Esganaste-te, meu ingénio. A língua de fogo foi parar às mãos dos potentados que desencadeiam as guerras e as fomes, a esfera aos pés dos financeiros que a impõem, como se fôra o mundo, ao sabor das suas conveniências, e a táboa das leis para os meus colegas Clemenceau e quejandos.

A minha vida é caracterizada pela mais vil das impotências. Roubaram dos meus olhos as florestas de onde olhava o sol que eu, Brahma, criei, a acreditar na lenda, e enquanto pelas ruas da tua cidade de

Povo de explorados: basta de tantos roubos, de tantos ladrões!

A sociedade burguesa assenta no roubo—no roubo feito a uma maioria explorada por uma minoria exploradora. As leis asseguram a essa minoria a exploração que ela pratica e impedem os explorados de se defenderem. Se estes a isso se arrogam, seu procedimento tem de ser forçadamente ilegal. A greve que é o melhor meio de luta usado pelos explorados contra os exploradores ainda hoje não obteve um sanção legal. E certo que existe decretado por lei o direito à greve, mas de tal modo condicionado e cerceado que todo o movimento que se declara dentro das praxes legais não tem nenhuma viabilidade não só de triunfar como de subsistir. As classes que, pela própria natureza da sua função social, são bastante legalistas e respeitadoras das ordens de coisas estabelecidas, como a dos funcionários públicos, nunca fizeram greves que não fossem ilegais.

Acima do direito à propriedade devia estar o direito à vida. Pois nesta sociedade nem mesmo o direito à vida pode tocar, mesmo de leve, no direito à propriedade. Se no Alentejo, por exemplo, um trabalhador se vir, devido a uma prolongada crise de trabalho, sem recursos para se alimentar e evitar que os seus rebentem de fome, não pode ir à propriedade do rico que injustificadamente o despediu a tirar-lhe um pouco de trigo que ele semeou e ceifou. Se a tal se atrever, vai logo, sob prisão, para o posto da G. N. R. onde chegará escorrendo sangue devido às barbaras agressões que lhe não deixará de fazer; ficará longos meses, um ano ou talvez mais, aguardando que o julguem num tribunal que inflexivelmente o condenará não aceitando por atenuante o direito à vida, nem o facto de ter contribuído para enriquecer o proprietário que lhe roubou o pão. Se um homem se vê colocado à margem da vida por uma doença que para sempre o invalida, ou por uma falta de trabalho que o lançou na miséria, não lhe assiste o recurso de deitar a mão ao que o pode salvar dum sofrimento físico impossível de suportar e até da própria morte.

O seu instinto de conservação pode arastá-lo a um acto que transitariamente o salve, mas a lei cai sobre ele, severa, carancuda e inexorável. A lei está acima da sua vida e exige-lhe que morra desde que sua existência não seja possível dentro do respeito que ela exige. Se em vez dum indivíduo que atenta contra a lei, porque sofre afrontosa miséria, é uma multidão compacta de dezenas de milhares de pessoas que reclamam pão, a sociedade não hesita na resposta a dar-lhe: manda sair a tropa dos quartéis e espesinha-a, fuzila-a, massacra-a. Acima de tudo está o respeito à lei, a defesa do direito da propriedade, sagrado e intangível.

Tudo está rigor muda e cessa por encanto quando o que atenta contra a propriedade não é um humilde e o roubo em vez de ser insignificante atinge um valor fabuloso. Assim como matar um homem é crime e contribuir para que milhares de homens se trucidem já é um acto patriótico, roubar pouco é um delito, roubar muito torna-se um mérito. Dum homem que pratica um furto insignificante diz-se, riando os dentes, com furor: «que malandro»; do que comete uma grande burla, murmura-se com convicção sincera, por entre grandes ares admirativas e aprovativas: «que grande espertalhão».

As burlas, que são uma das mais graves modalidades do roubo, na sociedade burguesa sucedem-se ininterruptamente, com a mesma característica de impunidade para os que as cometem. Os roubos nos Transportes Marítimos do Estado, atingiram milhares de contos e ninguém foi preso, ninguém foi condenado—ninguém excepto um pobre diabo de quem se provou, em tribunal, e com provas deficientíssimas, que tinha deitado a mão a pouco mais de 100 escudos. Os roubos da Exposição do Rio de Janeiro, que foram importantíssimos, ficaram impunes. O mesmo aconteceu com o saque do Lazareto, com o celeberrimo contrato dos 20 milhões de «dollars» em que tem grandes responsabilidades o todo poderoso Afonso Costa, com o caso dos dis-

Contra a escravatura constituiu-se uma Liga Internacional Anti-Escravagista

Acha-se constituída com sede em Lisboa e Delegação em Genebra uma Liga Internacional Anti-Escravagista, formada pela Federação de secções de diversas nacionalidades e abrangendo as secções nativistas dos aborígenes da África portuguesa representadas pelo Partido Nacional Africano e a Liga Nacional de Defesa das Colónias.

Destina-se a Liga Internacional Anti-Escravagista a colaborar com a Sociedade das Nações em tudo o que respeita aos interesses dos povos que não disfrutam ainda de capacidade política e soberania e bem assim aos grandes problemas da Paz.

A Liga Internacional Anti-Escravagista não tem nenhuma espécie de partidismo político ou religioso e pode por isso aglutinar, dentro de si, as pessoas e organizações as mais divergentes de todos os países que aceitem e colaborem na sua finalidade.

Dentro dela encontram-se já algumas das mais prestigiosas individualidades de Portugal e de outras nações e o seu programa mereceu a adesão de fortes agrupamentos políticos e sociais que à Liga Internacional Anti-Escravagista deram toda a sua solidariedade.

A sede provisória da Liga é em Lisboa, na Universidade Livre.

Em visita a esta Liga chega a Lisboa, no dia 14, o dr. Theodor Rhyss, secretário geral da União Internacional das Associações para a Sociedade das Nações, o qual realizará conferências em Lisboa e Porto.

A RENOVACÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Foi dissolvida a Federação do Livro italiana

Prósseguindo na sua tarefa liberticida, Mussolini fez publicar uma lei obrigando todas as corporações operárias não fascistas a enviarem representantes oficiais e permanentes às organizações sindicais do fascio, onde Rossini domina absolutamente, sob a égide do ditador. O fim desta lei era a supressão parcial ou total dos sindicatos independentes, o que, à força, o fascismo vai conseguindo.

A Federação do Livro, porém, não quis submeter-se e recusou-se a enviar representantes ao fascio. O governo de Mussolini, como resposta, ordenou a imediata dissolução do organismo rebelde. Assim, o secretário geral das corporações fascistas de Turim foi nomeado administrador da secção da Federação dissolvida, tomando posse dos arquivos, escritórios e fundos.

Também o prefeito de Verona nomeou para a secção federal desta localidade um comissário especial, que se substituiu ao antigo secretário seccional da Federação do Livro. Igual procedimento tiveram as autoridades doutros pontos, onde houvesse secções e sindicatos federados na organização dissolvida.

A Federação do Livro era aderente à C. G. T., reformista e estava admiravelmente constituída.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação, são convidados os camaradas carpinteiros que se encontram inscritos na lista dos operários sem trabalho a comparecerem hoje, pelas 11 horas, na sede deste organismo, calçada do Combro, 33-A, 2.º.

A greve dos tanoeiros de Gaia mantém-se activa tendo as autoridades enveredado pelo caminho da violência

A heroica greve dos operários tanoeiros arrasta-se há já seis semanas com uma coragem inaudita e digna de registo.

Ninguém nesta localidade se recorda de ver uma greve tão prolongada como esta, como ninguém se recorda de ver tanta solidariedade nos operários tanoeiros.

Há a assinalar o facto dos grevistas se manterem ordeiramente, o que só os nobilita e lhes dá autoridade moral.

Sem que oferecessem motivos para a intervenção das autoridades, os grevistas tanoeiros estão conscientes dos seus direitos, negados pelos exportadores ingleses, os quais se mostram empenhados ante o sofrimento de 25.000 seres humanos.

Não se trata aqui de aumento de salário! Trata-se somente de reclamar trabalho!

E, oh irrisão! Não dizem os exportadores como de resto toda a burguesia que os operários querem viver sem trabalhar?

A prova de que é mentirosa tal afirmação está nesta greve dos tanoeiros porque quanto eles reclamam trabalho e lho negam.

Dissemos já por vezes, que as autoridades que neste caso se devem manter numa atitude neutral, se punham incondicionalmente ao lado dos ingleses, e razão tinham quando afirmamos que uma força estranha impelia as autoridades a fazer tal, se bem que, esta afirmação seja o reflexo do que corre na localidade, que as autoridades, visto o seu procedimento, fôrão mimoseadas pelos ingleses. Será verdade? ou não será? O que é facto, é que as autoridades acabam de cometer uma grande iniquidade.

A presença da cavalaria da G. N. R. já foi considerada pelos grevistas (como por toda a gente de bem) uma provocação dada a maneira ordeira como tudo se tem mantido, nada havendo que justificasse tal atitude das autoridades.

Devemos acrescentar que a guarda, sempre que o momento se lhe proporcionava, provocava os grevistas, chegando a prender e a agredir criaturas que muito ordeiramente se encontravam conversando.

Não, não podia ser, a greve tinha que terminar e surgiu um pretexto: Porque, em Santo André de Canelado, um grupo de indivíduos, a altas horas da noite, ferissem traiçoeiramente com dois tiros um indivíduo que é conhecido pelo «Cravo», que há já alguns anos não trabalhava na indústria de tanoeira e que agora foi servir de laçao dos ingleses.

Segundo se afirma, o «Cravo» foi alvo de uma armadilha política, pois no dia em que foi alvo do atentado, realizaram-se as eleições da junta de freguesia, e ele era acérrimo político. Mas as autoridades não pediram explicações e viram o atentado ao «Cravo» o motivo para os seus fins reservados e ontem, ainda de noite, às 5 horas da manhã, prenderam o nosso camarada Joaquim do Carmo, delegado da U. S. O., na sua residência, às 8 horas, e mais oito grevistas que se dirigiam para a sede do sindicato, pois que às 9 horas reunia a classe.

A polícia de Gaia, que é chefiada pelo trauliteiro Alberto da Fonseca, não viu que Joaquim do Carmo, como os restantes presos, nada têm que ver com o atentado feito ao tal «Cravo».

Uma medida imbecil da policia de que são vítimas cinco intérpretes oficiais

Esta policia portuguesa tem a recomendação de um único predicado: a imbecilidade. Raro é o dia em que não fazemos menção às suas grosserias, que não atingem somente a gente da plebe, mas sim toda a gente que tem a desdita de pisar este encantado torrão.

O caso que vamos referir é merecedor dos nossos reparos por traduzir, dum modo muito significativo o desaforo da corporação a quem foi cometida uma alta função social.

Na passada terça-feira, de tarde, cinco intérpretes oficiais, depois de terem acomodado nos automóveis uma excursão de estrangeiros, que desembarcaram no vapor francês *Patria*, foram presos no Terreiro do Paço por alguns agentes da policia administrativa. Conduzidos para o Governo Civil, ali permaneceram nos quartos particulares até às 17 horas de ontem, hora em que foram soltos.

Uma vez em liberdade os simpáticos intérpretes dirigiram-se a esta redacção a fim de informarem o jornal operário da arbitrariedade da policia. Os cinco, como um só, asseveraram que o pretexto da detenção foi a falta na lapela do casaco, do label indicativo da sua qualidade de intérpretes. Porém o motivo, a causa fundamental da prisão é muito outra, e dela vamos dar conhecimento aos leitores.

A policia administrativa tem alguns agentes em serviço nos casais a fim — que ironia! — de auxiliarem os estrangeiros nas suas digressões pela cidade. Nesse número contam-se entre outros, os agentes Santarém e Nunes que, mercê duma esportula que recebiam dos intérpretes oficiais não incomodavam estes; no gesto só ganhavam os estrangeiros que nos visitam e o próprio país.

Essa esportula foi mantendo-se durante algum tempo até que há dias os intérpretes resolveram já não manterem parasitas que afinal só viviam do seu esforço e do seu trabalho. Enfurecidos com a decisão dos intérpretes os agentes Santarém e Nunes juraram vingar-se. E a vingança consumou-se na terça-feira com a prisão dos cinco intérpretes por não trazerem na lapela do casaco o distintivo respectivo.

Se não víssemos num país onde a bandeira campaleira infrene exigências destes Nunes e Santarém mais decore nas suas acções. Mas como vivemos num país de escândalo, só temos um único comentário para o gesto antipático dos agentes da policia administrativa: eles são bem dignos das instituições que serve e bem o prototipo das suas misérias morais.

Factos diversos

Um bodo — Os pobres da freguesia dos Olivais devem inscrever-se numa lista que se encontra na Farmácia Freitas, rua Zolimo Pedroso, ao Poço do Bispo, onde darão os seus nomes, moradas, etc., recebendo mais tarde duzentos das mais necessárias, uma senha para uma importante esmola que o sr. João Simões de Almeida distribue na manhã do dia de Natal.

II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas

A Comissão Organizadora do II Congresso Juvenil vem de enviar a todos os organismos operários a seguinte circular:

Presados camaradas: — Uma necessidade imperiosa se verifica de há longo tempo a esta parte para a organização das juventudes sindicalistas da região portuguesa, à qual é indispensável atender dentro de curto prazo — a realização do II Congresso.

Desde a constituição do primeiro aglomerado de jovens trabalhadores, sedentos da sua educação intelectual e social, intitulado Núcleo da Juventude Sindicalista, que a par e passo com a sua existência, em todas as ocasiões, umas vezes mais violentamente, outras menos, a organização juvenil tem sido sempre vítima de perseguições por parte das autoridades, defensoras duma sociedade em derrocada.

Como sabeis é vasta a missão dos núcleos das juventudes sindicalistas, mas esta tem sido sempre impedida de ser efectuada, na sua amplitude, por essa mesma perseguição.

Reconhecida a necessidade da realização do II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas, várias tentativas têm já sido realizadas nesse sentido, sem que até agora, mercê de circunstâncias de ordem material e económica, qualquer delas tivesse sido coroada de bom êxito.

Agora, nomeados para esse efeito na última reunião do Conselho Federal da Federação das Juventudes Sindicalistas, realizada em 26 de Outubro p. p., constituídos em Comissão Organizadora do II Congresso, cumpre-nos a árdua missão de prepararmos a sua realização.

Grandes dificuldades, de ordem económica especialmente, temos pela frente, as quais é necessário afastar do nosso caminho para atingirmos o bom desiderato da nossa missão.

No III Congresso Operário Nacional realizado na Covilhã foi aprovado por unanimidade e ratificado no I Congresso Confederado (IV Congresso Operário Nacional) realizado ainda há bem pouco tempo em Santarém, que por toda a organização sindical seja sempre prestada às juventudes sindicalistas, na maior amplitude possível, toda a solidariedade moral, material e económica.

Chegou agora a ocasião de necessitarmos da vossa solidariedade e para ela apelamos pois, a preparação e realização do II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas requer uma verba importante, a qual não nos é possível alcançar sem recorrermos à solidariedade de todos os sindicatos profissionais, sem recorrermos à solidariedade de todos os trabalhadores sindicados.

Dirigimo-nos, portanto, a vós, camaradas, para que envieis a esta comissão a vossa cota-parte de auxílio económico para esse efeito.

Este auxílio tanto nos pode ser prestado por vós, por verbas retiradas do cofre de esse organismo, como por subscrição voluntária entre os seus componentes. Uma coisa, porém, é indispensável para nos atender — a urgência no envio da vossa solidariedade económica, a fim de podermos dar andamento aos trabalhos a realizar.

Contamos que não deixareis de nos prestares a vossa solidariedade, tornando assim um facto as resoluções tomadas por todos os sindicatos nesse sentido, nos dois congressos atrás citados.

Toda a correspondência e valores devem ser enviados ao Secretário da Comissão, Virgílio de Sousa (C. O.) — Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, Lisboa.

Sem outro assunto, recebei as nossas fraternais saudações.

A Comissão Organizadora do II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas: *Germinado de Sousa, João Gomes, Jorge Matos, José dos Santos, Mário Dias, Raúl Curado, Virgílio de Sousa.*

Os funcionários da Assistência Pública prejudicados por uma iniqua ordem de serviço

Pela Provedoria Central da Assistência Pública acaba de ser publicada uma ordem de serviço determinando que aos funcionários assalariados e contratados não sejam de futuro concedidas licenças com vencimento, e bem assim que lhes não sejam pagos os dias em faltas, sejam elas de que natureza forem.

Com esta determinação pratica-se uma das maiores injustiças, pelo menos nas faltas justificadas por doença, visto ser nesses períodos que mais necessário se torna o vencimento do funcionário.

Mas não o entende assim o chefe da Contabilidade, *alma danada* de tudo isto, alegando que as partes de doente eram já um abuso da parte dos assalariados. Não sabemos se de facto assim era, mas a ser isso verdade, não era este o meio de lhe pôr cõbo, prejudicando-se desenas de criaturas que dum momento para o outro podem ter a desdita de estarem doentes!

Que fazem tantos médicos que tem a Assistência?

Não seria mais lógico e humano que, em vez duma ordem de serviço tão injusta, se procedesse de futuro a uma rigorosa fiscalização em casos de doença?

Temos imensa pena que o sr. Sequeira não seja também assalariado!

Queríamos ver se seria publicada tal monstruosidade!

Um atingido.

TIVOLI

Telefone 11.5474
A's 8 3/4

O Leão da Mongólia

Superfilm em 8 partes com Ivan Mosjoukine e Natália Lissenko
Maravilhosa evocação do Oriente

Dia de Pagamento

Hilarante comédia com Charlie Chaplin (Charlot)

Maravilhoso programa musical no qual figura, entre outras peças, o célebre SEPTUOR, de S. SAENS

HOJE — Matinée às 3 horas

CONFERÊNCIAS

"Obstetricia"

Na enfermaria de Santa Bárbara (Maternidade), no Hospital de São José, o sr. dr. Cabral Sacadura realizou ontem uma conferência sobre Obstetricia à qual assistiram grande número de médicos e os alunos do 5.º ano da Faculdade de Medicina e as alunas do curso de parteiras.

O forno crematório

Com grande concorrência realizou-se, no Gremio Excursionista Civil do Monte, a conferência do sr. dr. Alfredo Guizado sobre utilidade do forno crematório, montado no cemitério do Alto de São João, presidindo o dr. Magalhães Lima, secretário por Máximo Barros e Moraes Cabral.

Após o introito daquele ilustre publicista, iniciou a conferência o dr. Guizado que, depois de ter exposto à assembleia a série de entraves postos pelas estações oficiais, e os preciosos auxílios que teve do dr. Magalhães Lima, dr. Henrique de Vilhena, dr. Barbosa Soeiro, dr. João Camoegas, dr. Costa Cabral e outros, para levar a cabo aquilo que para ele era a sua melhor obra já como republicano, já como higienista, elucidou a assembleia que na maior parte dos países já existe a cremação, designando a Alemanha ex-quo que umas das suas cidades, Dresden, já a incineração ia a 80 % dos seus cadáveres e até a própria Espanha há pouco inaugurou com a assistência do próprio Afonso XIII um forno crematório.

Encarado sob o ponto higiénico, explica que uma das suas vantagens é a desaparecimento da vala comum, já aprovada na Câmara Municipal, eliminando-se assim uma vergonha que a civilização hoje condena.

Tem o forno sido encarado pelos que vem um perigo para a religião quando pelo contrário a purifica pois que mais facilmente as famílias podem ter junto de si as cinzas, guardadas numa urna, podendo ser veneradas com mais carinho e amor. Não tem pois base a reacção que tem feito ao forno e é conferente vangloriar-se por ter conseguido vingar o que a bem da sanidade pública já há muito se deveria ter feito, evitando assim uma constante ampliação de terreno para a extensão dos cemitérios, consequência do aumento da população.

Elucidou a assembleia da forma como os cadáveres são conduzidos dos hospitais à morgue e da cadeia para o cemitério, envolvidos em serapilheiras e conduzidos em carroças, espalhando pelo arriamento a massa líquida dos mesmos e deixando no ambiente um péssimo cheiro. Não pode deixar de salientar a mão da reacção, fazendo com que a família do incinerado reclamesse as cinzas do cadáver, quando antes a mãe do morto declarava que já mais queria saber do corpo, pois que já em vida dele nada queria saber por ter sido, um grande maroto. Extraordinário achou o conferente tal reclamação, quando se sabe que três agências funerárias se dirigiram à família, para fazer o funeral, respondendo ela com o que já declarou.

E' o forno crematório ainda combatido pela Direcção Geral de Saúde, da qual é director o dr. Ricardo Jorge, alegando trazer inconveniências para a investigação criminal, quando necessária, esquecendo que na vala comum os cadáveres são lançados a monte e envolvidos com outros que já lá se encontram, tornando-se difícil pois distinguir os corpos de cada um, quando porventura necessário seja.

Deve dizer que o indivíduo que foi incinerado morreu duma tuberculose pulmonar, constatada pela certidão oficial e ainda pela dissecação que sofreu no laboratório da Faculdade de Medicina.

O orador foi muito aplaudido.

Na próxima segunda-feira, pelas 21 horas realizará uma conferência, numa das salas dos Paços do Concelho, acerca do forno crematório o professor sr. Ladislau Batalha

NACIONAL

Efectua-se esta noite a «reprise» da SEVERA que é posta em scena com o máximo esplendor, «mise-en-scene» de A. Pinheiro e uma interpretação à altura do nosso primeiro teatro, pois que os primeiros papeis foram confiados aos artistas societaes.

A questão do inquilinato

Um comunicado da Associação dos Inquilinos Lisboenses

A direcção da Associação dos Inquilinos Lisboenses em sessão ultimamente realizada, tomando o maior interesse pelos assuntos que se prendem com a Lei do Inquilinato e consequentemente com a defesa dos direitos dos seus associados, resolveu intensificar a sua propaganda e as suas «démarches» junto das entidades necessárias para conseguir que a mesma lei seja esclarecida, no sentido de dar plena satisfação às constantes reclamações dos inquilinos ameaçados nos seus legítimos direitos, nomeadamente na perfeita e completa interpretação do art. 4.º da lei n.º 1662 de 6 de Setembro de 1924.

Também para conhecimento de todos os seus associados, a mesma direcção, mercê do parecer do seu conselho, entende que o prazo marcado na aludida lei 1662 art. 13.º não caduca em 31 de Dezembro corrente, mas em igual data do ano de 1926, por ter sido prorrogado pelo Decreto n.º 10.774 de 19 de Maio de 1925, promulgado pelo governo Vitorino Guimarães à sombra das autorizações consignadas no art. 2.º da lei n.º 1773 de 30 de Abril de 1925.

Resolveu também realizar a assembleia geral em 23 do corrente, sendo enviados avisos directos a todos os seus associados.

Avida e obras de Pedro Kropotkine

descritas por Adrian del Valle

Exposição das suas ideias

O homem obedece a duas séries de sentimentos opostos: os que o impulsionam a lutar contra os outros para fins que só com a sua cooperação pode obter. Harmonizar estes sentimentos opostos é a missão principal e imediata da ética, sendo sua finalidade, «criar na sociedade uma atmosfera, pela qual a maioria execute, inteiramente, impulsiva e sem vacilações, aqueles actos que precisamente conduzem ao bem-estar de todos e ao máximo da felicidade para cada um».

Ajudar mútua, Justiça, Moral, são os sucessivos passos duma série ascendente, desde a vida orgânica animal à vida social.

Meros expositor das ideias de Kropotkine, abstemo-nos de toda a critica. No entanto não compartilhamos da sua confiança na influência do meio, que o leva a proclamar a necessidade imediata da revolução, afirmando que para melhorar os homens há que melhor previamente as suas condições de existência e que a sua elevação moral é problema a resolver depois da revolução.

Entendemos que tratando-se duma revolução destinada a dar à sociedade uma nova estrutura, deve precedê-la uma revolução espiritual que prepare o caminho às consciências para se adaptarem à nova ordem de coisas. Não nos devemos fiar exclusivamente na influência benfazeira da sociedade post-revolucionária, pois toda a sociedade está composta de indivíduos, e se estes são defeituosos, defeituosa resultará aquela, qualquer que seja a sua organização.

O homem não é só um resultado do meio em que vive. Depende igualmente do seu meio interno, isto é, da sua constituição fisiológica e psíquica, que é filha de um largo processo ancestral.

O meio externo influe de maneira reflexa, e para conseguir que se modifique o meio interno são necessárias algumas gerações. Por tanto, para que a revolução material não fracasse ou em parte se malogre, convém realizar antes a revolução das consciências, senão na maioria, coisa impossível, pelo menos numa respeitável minoria, pelo exemplo e pela acção atrai a massa e a afaste da influência reactiva.

Kropotkine participou da ideia — muito generalizada entre os socialistas — de que sendo os explorados a maioria, neles radicava a força do número, e que bastaria, por tanto, que tivessem consciência do seu poder para que a revolução social fosse um facto.

Porém, o que é certo é que não basta a consciência da própria força se se carece da consciência do ideal, entendendo por tal consciência não já o conhecimento mas a penetração moral com o ideal que se preconiza.

«Possui o proletariado essa penetração em tal grau que lhe permita afrontar com êxito completo o estabelecimento de uma sociedade igualitária e livre? Não obstante os anos de propaganda revolucionária no terreno ideológico, e de acção organizadora no económico, só uma minoria sente e compreende os ideais emancipadores. A maioria influenciada pela herança, a educação e o meio, manifesta-se refractária ou passiva. No primeiro caso, é um obstáculo a todo o intento de transformação; no segundo, é um elemento para atrair e educar, e que se em tempos de revolta podem constituir uma força destrutiva, em tempos normais só uma força nula e por vezes oposta, pois do referido elemento saem geralmente os polícias, soldados e esbirros de toda a espécie ao serviço do governo e do capitalismo».

(Continua)

LOTERIA DO NATAL

3.600 contos
Bilhetes abertos em cautelas. 1566 4272, 4341, 4638.

Largo do Conde Barão, 55

Coliseu dos Recreios

A's 15 horas
SENSACIONAL MATINÉE
com entrada gratuita para as crianças até 10 anos que se apresentem acompanhadas

Mais uma apresentação dos FEROCES TIGRES REAIS

Todas as novidades e atracções da Grande Companhia de Circo Ottagio Bill — O Homem-Macaco Batuda Americana

A NOITE
Maravilhoso espectáculo

TEATRO S. CARLOS

HOJE
às 9 1/4 da noite

TEATRO NACIONAL

HOJE — às 9 1/4 da noite
«REPRISE» DO SENSACIONAL DRAMA

A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato e representada com sucesso mais de trezentas vezes

Protagonista Ester Leão

Encenação do professor ANTONIO PINHEIRO

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

Representa-se hoje no Nacional, a peça de Júlio Dantas, «A Severa», cujo regresso ao palco do nosso primeiro teatro se impunha. A protagonista, criada por Angela Pinto, desempenhada depois por quasi todas as figuras destacantes do teatro português, Adeline Abranches, Palmira Bastos e Emilia de Oliveira, tem agora na ilustre actriz Ester Leão uma notável interprete, porque o trabalho desta artista é, naturalmente, digno, brilhante e distinto. A seu lado, numa colaboração inteligente e luzida e numa camaradagem que os enobrece verem hoje, na celebre e popularíssima peça, todos os societaes do Nacional Maria Pia, na «Marqueza»; Albertina de Oliveira, na «Chica»; Luís Pinto, no «Conde de Marialva»; António Pinheiro, no «Romão, alquilador»; Ribeiro Lopes, no «Custodia» e Joaquim de Oliveira, no «Diogo».

Foi adiada para o próximo sábado, imprevisivelmente, a festa artística do grande actor José Alves da Cunha, no Apolo, com a peça de grande espectáculo «A taberna», o celebre drama extraído do romance de Emile Zola, cuja volta ao mesmo teatro onde foi representada a primeira vez pelo actor Alvaro, está sendo o assunto dominante de todos quantos se interessam pelo nosso teatro, sabendo-se de mais a mais que Alves da Cunha vai fazer o protagonista, «Coupeau», e Adeline Abranches o papel de «Gervásia». Os demais personagens femininos serão desempenhados por Berta de Bivar, Maria Izabel, Branca Riquetti, Mariana de Figueiredo, Catalina Gimenez, Sara Luísa, Zulmira Amaral, Clotilde Xavier e Otília Torres e os masculinos por Carlos de Oliveira, António Sacramento, António Melo, Carlos de Sousa, Bessa, Luciano Marques, Artur Riga, Ricardo de Sousa, José Cardoso e Augusto Torres.

—Espectáculo de grande interesse é o que, em matinee elegante, hoje se realiza no Coliseu dos Recreios, cuja companhia é constituída por números de grande valor e de fama mundial. Ottagio Bill, que é uma autêntica celebridade, faz prodígios de pericia e de temeridade nos seus inacreditáveis exercícios a grande altura. Os tigres reais do famoso domador Franchi mais uma vez mostrarão a sua terrível ferocidade que só a energia e a coragem daquele conseguem dominar. No espectáculo da tarde em que tem entrada gratuita as crianças acompanhadas e até à idade de 10 anos, entram o Homem Macaco, a Bola Misteriosa, Batuda Americana e todas as outras atracções da Companhia.

A noite há também um grandioso espectáculo.

No próximo domingo em matinee, às 3 horas, inauguram-se, no Gimnasio, os concertos sinfónicos, dirigidos pelo maestro Fernandes Fão. O programa consta das mais inspiradas composições de maestros laureados, de fama mundial, e que pelo brilhantismo da execução, devem conquistar geral agrado.

Para o 1.º dos concertos Fão, já estão à venda os lugares na bilheteira do Gimnasio.

Lêdo o Suplemento de "A Batalha"

INSTRUÇÃO

Curso Elemental de Música

No Centro Escolar António Luís Inácio, instituição de Assistência Infantil do Alto do Pina, onde se ministra instrução e educação a 40 crianças de ambos os sexos, a maior parte órfãos ou equiparados, e se encontra estabelecido um Posto de Assistência Sanitária, (consultório médico e farmácia privativa) destinado às crianças e a todos os pobres da freguesia da Penha de França, acaba de ser instituído um curso elemental de Música, dirigido pelo violinista sr. Joaquim Santos Mira.

Este curso funciona às quartas-feiras e sábados e a matrícula encontra-se aberta não só para os actuais como para os antigos alunos da escola desta instituição, sendo o ensino de música como já era o de instrução primária, absolutamente gratuito.

SÃO CARLOS

Samuel Diniz empenha no protagonista do PRINCEPE JOÃO, em scena neste teatro, toda a vivacidade e arte de que já tem dado tão belas provas.

Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, recolhendo depois à Sala de Observações do Hospital de São José, Joaquim Mendes Lages, de 33 anos, natural de Ceia e residente na rua de São Jerónimo, 16, picador de caldeiras, que caiu a bordo do vapor «Fernão Lopes» fracturando a perna direita.

A enfermaria de São Francisco do Hospital de São José recolheu Francisco Rodrigues, de 62 anos, cocheiro, natural de Albergaria-a-Velha e residente na rua dos Douradores, 29, 3.º, que caiu pela escada da residência ficando muito contuso pelo corpo.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa. — Refine hoje, em assembleia geral, para a eleição de corpos gerentes, e outros assuntos de interesse para a classe.

Teatro Apolo

HOJE
A ADMIRAVEL PEÇA
Papá Lebonnard

SÁBADO

FESTA ARTÍSTICA DE
Alves da Cunha
com a peça de Zola

A TABERNA

'A Batalha' na provincia e arredores

Sintra

O temporal

SINTRA, 7.—Devido à chuva que ontem caiu houve importantes prejuizos na vila Estefânia. Cerca das 15 horas foram chamados os socorros para casa do sr. Joaquim Alfaide devido à água lhe ter entrado no rez-do-chão, elevando-se até à altura dum metro. No mesmo local também ficou inundada outra casa onde a água chegou a elevar-se até à altura de metro e meio.

Nos Pisões desabou um pequeno prédio. Não houve desastres pessoais porque êle se encontrava desabitado.

Também noutros pontos a água invadiu várias casas e estabelecimentos.

Guimarães

Uma comédia-drama que tem sido o prato do dia

GUIMARÃES, 5.—Interrompemos o silêncio que de há tempos a esta parte vinhamos mantendo para estampar nestas colunas um caso que muito tem preocupado, não só as autoridades, como também parte da população.

A notícia correu veloz de extremo a extremo da cidade. Em toda a parte não se falava noutra coisa. Uns, eram partidários do Guerra, outros, da filha brasileira cuja filha foi raptada pela mãe daquele e levada lá para um monte, para junto do filho que a esperava...

O que é certo é que toda a gente discutiu e discute o caso de várias maneiras, o que nos leva a crer que isto não passa duma completa trapaalhada...

Sobretudo o que nos tem admirado é a altitude dos correspondentes dos jornais diários do Norte. Estão sempre enviando notícias para os jornais que representam, e não escreveram sequer uma linha sobre um assunto que já é conhecido para além Atlântico...

Não haverá por aqui dedo do suposto visconde de Guimarães; do suposto grande proprietário até quasi dono da cidade; do suposto gerente do Banco do Minho só para casar com a filha duma velha brasileira ludibriada, porque lhe sentiam alguns cobres?

O que é certo, é que o escândalo foi muito mal preparado, e não houve dinheiro suficiente que pudessem pôr termo ao fatiário... de gente do povo e da gente aristocrática que, perante o drama-comédia, começam por acautelar as suas filhas das mãos das guerras sensuais que não olhando à menor idade duma jovem, mas sim ao dinheiro, as seduzem e as desfloram.

O mais interessante é agora a jovem desflorada, muito ingenuamente, muito tola do juízo, pelo facto de ter sido educada num colégio de jesuítas, depois de ter pretendido suicidar-se duma janela do Hotel Minho e Douro para a rua, chorar muito pelo seu Antoninho, dizendo que o queria, que queria casar...

A velha, a mãe dela, também, depois de assustar os Guerras todos, conservando-se à sua ordem, na hospedaria da G. N. R., convenceu-se e estabeleceu as pazes com o tal conde, condessa e visconde, que não passam duns pobres lasqueiros, consentindo o casamento do visconde com sua filha... Como a filha ainda não completou os quinze anos, lá terão de ir a Espanha...

E como nós nem duns nem doutros somos amigos nem inimigos, desçamos-lhes uma boa lua de mel que os faça ter mais juízo...

Digam agora que o dinheiro não é a causa de toda esta miséria mental que para aí campeia.—C.

MARCO POSTAL

Tavira.—José Vivaldo Sousa Fagundes.—O seu postal datado de 8 de Novembro, p. 6, ontem nos foi entregue. Recebemos em 29 de Outubro, p. 29550, que pagou a assinatura do Diário e Suplemento até ao final do corrente mês e ano. A importância do 2.º trimestre da Renovação, não recebemos, estando por conseguinte em débito.

Albufeira.—António dos Santos Labisa.—Recebemos a devolução de que fala no postal. Recebemos em 12 de Outubro, p. 5900, que pagou o Suplemento até ao fim de Novembro, p. p. A Renovação é que está em débito todo o semestre. Era favor enviar-nos a respectiva importância.

Granja.—J. Silva.—Recebemos.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

CÂMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid cheque		2580
Paris, cheque		576
Suiza, cheque		3579
Bruxelas cheque		589
New-York, cheque		19560
Amsterdão, cheque		7590
Itália, cheque		579
Brasil, cheque		2870
Praga, cheque		559
Suécia, cheque		526
Áustria, cheque		2877
Berlim, cheque		4368

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Maciel.—As 21.—A Sereia.

São Carlos.—As 21.—O Príncipe João.

Politeama.—As 21.—O Raparigo de Joaze.

Trindade.—As 21.—Cló Clo.

Simão.—As 21.—Guerra ao vinho.

Ipote.—As 21.—Papá Leonardo.

São Luís.—As 21.—Recital do violinista Kubelik.

Freixo.—As 21.—O Pão de Ló.

Ilha Vitoria.—As 21.—O Pão de Ló.

Coliseu.—As 21.—Companhia de circo.

As 14.—Matinée.

CINEMAS

Tivoli.—Olympia—Central—Gondes—Chiado Tor-

reano—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Tortoise—Cine Paris.

BANCO DE PORTUGAL

Em conformidade com o anúncio d'esse Banco publicado nos jornais de Lisboa, da noite de 23 e manhã de 29 de Março de 1924, as novas notas de 1.000\$000 escudos, chapa 2, entram agora em circulação.

COOPERATIVA FABRIL NAVAL

SEDE—Praça do Duque da Terceira

CONVOCAÇÃO

De harmonia com as disposições do estatuto, convoco os sócios a reunir em assembleia geral ordinária, na sua sede, no dia 14 do corrente, pelas 20 horas.

ORDEN DE TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1926.

Não havendo o número legal de sócios para reunir, fica desde já a mesma convocada para o dia 29 à mesma hora e local.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) Raúl de Almeida.

Cooperativa do Posseio dos Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra

CONVOCAÇÃO ORDINÁRIA

Convoco a assembleia geral a reunir no dia 18 do corrente pelas 20 horas com seguinte ordem de trabalhos:

Eleição dos corpos gerentes que não de gerir os destinos da cooperativa durante o próximo ano de 1926.

A assembleia reúne, segundo a lei estatutiva, com 21 associados, excepto os corpos gerentes.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) José de Almeida.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2550.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6800.

O Primeiro Congresso Feminista de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brásio. Preço 10500.

A Ceta dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2800.

Sendas de Livros e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8500.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5500.

A História do Movimento Macnovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

Let o Suplemento de A BATALHA

Revista Gráfica

A 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

Preço esc. 1,50

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!

NAO SOFRAM MAIS!



ATRAVÉS DA AFRICA

A verdadeira situação económica e financeira da Guiné

Por mais optimista que seja o individuo que se dirigir pela primeira vez à Guiné, não deixará de nasear em ondas de desânimo ao desembarcar em Bissau, a primeira cidade comercial desta provincia ultramarina.

Começa logo esse desânimo, algumas horas antes do porto, quando ainda navegamos nesse mar falsissimo onde se avistam os Bancos de Warany, Middle e Bijagás; e a profundidade varia numa irregularidade tremenda que vem desde 3.000 a 4.000 brças de água, assim expostos aos perigos de navegação que nessa costa apenas têm a pobrissima defesa do modesto farol no extremo W da ilha de Jatt, e algumas boias luminosas como as de Arlette e S. Martinho, do particular conhecimento do senhor piloto de Cayé.

Este o primeiro desapontamento que mais se confirma dentro de Bissau, na verdade já um grande centro comercial de bastante importância, mas cidade desalinhada, sem os melhoramentos que merece, sem beleza ou conforto, inteiramente desprovida das mais elementares coisas indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento, à higiene e modesto passadio dos seus heróicos moradores.

Se não for a gentileza das pessoas amáveis das colónias europeas e caboverdeanas que, com o maior incomodo, sempre resolvem certas dificuldades de hospedagem, o individuo desprevendo passará bastante mal.

E, em face do quasi abandono em que se encontra o farolagem da costa, e do relativo atraso que caracteriza a primeira cidade da provincia, uma pergunta assoma aos lábios, com a maior sinceridade: — Então isto é que é a formosa e rica Guiné?...

Mas em face dum importante movimento comercial, que contrasta, singularmente, com aqueles sintomas de abandono acima mencionados, logo nos assalta o desejo de bem inquirir das causas, alinhavando as razões, para depois se tentar um juízo imparcial.

Parece-nos um bom principio, de ordem económica e educativa, a propaganda das colónias, mas entendemos que essa propaganda se deve fazer com dados verdadeiros, de modo que os pobres colonos portugueses não venham para aqui iludidos, e que os estrangeiros se não possam rir da nossa ignorância ou das nossas inúteis fantasias.

Ora a Guiné, por diversas razões que mais adiante havemos de examinar, não tem, nem podia ter, a dez annos da sua pacificação definitiva, essa fantástica riqueza que lhe querem atribuir; e a prova de que não disfruta, ainda, esse desafio financeiro que exageradamente lhe pintam, está no facto de não possuir aqueles melhoramentos que são indispensáveis e acompanhados toda a vida progressiva; e de ainda agora, e até muito vagarosamente, estar a construir edificios de elemental necessidade, como o são os hospitais e algumas repartições publicas.

Mas não se precipite o leitor: se a Guiné não é esse centro de riqueza deslumbrante, em que alguns optimistas, decerto bem intencionados, até querem ver a primeira colónia portuguesa, com certeza que é um fulcro onde se agitam e sacrificam admiráveis actividades, fomentando o commercio, a agricultura e a industria; certamente que é uma grande provincia que, após um quasi estacionamento de alguns séculos, finalmente desperta, entrando a justificar a sua existência.

O movimento actual dos seus portos já é crescente e dum importância notável, registando-se de 1919 a 1923 um movimento de entradas e saídas de 1.230 navios com um tonelagem de 1.377.213,474, correspondendo a mais de 40.000 tripulantes e passageiros, e a um valor de 137.931.502\$36, importância de mercadorias importadas e exportadas.

Todavia, a pesar deste movimento que já em 1924 se traduz num rendimento de 12.062.859\$46, proveniente de direitos e impostos, a verdade é que os portos não se encontram devidamente aproveitados, e a costa da Guiné mantém uma farolagem mais de que deficitária.

E' também certo que o valor do seu movimento comercial parece aumentar espantosamente se tivermos em atenção estes números: em 1901 o movimento commercial da Guiné era de 854 contos; em 1910 elevou-se a 2.460; em 1919 sobe a 8.933; em 1922 continua subindo até 35.567; em 1923 eleva-se quasi ao dobro, marcando 65.250.913; e em 1924 atinge a bonita quantia de 111.244.184\$96, produto de importação e exportação.

Porém—facto surpreendente!—a pesar de todos estes números que traduzem, inofensivamente, um grande desenvolvimento commercial e agrícola, a grande maioria do prospero commercio da Guiné atravessando momento uma gravissima crise unicamente por não lhe fazerem transferencia da moeda da colónia para Portugal ou qualquer outro país—crise que também afecta alguns particulares e o próprio Estado provincial.

Como se explica, então, que números tão auspiciosos coincidam com tão grave situação? Será porque a concorrência commercial é demasiada? Será porque as cambiais da exportação não podem, globalmente, aproveitar a importação, porque nem sempre as duas operações coincidem ou se concentram na mesma casa comercial? Será porque, accusando a importação um movimento de 62.015.332\$06, e a exportação 49.228.852\$90, a balança commercial da provincia apresenta um importante deficit de 12.786.479\$16?!

No ultimo relatório do governo da provincia contesta-se a existência deste deficit da balança commercial alegando-se que os números da exportação, por diversas razões são inferiores ao seu valor real. Mas esta, o certo é que a moeda se encontra desvalorizada e o commercio em crise, o que não sucede, por exemplo, em Cabo Verde, provincia com muito menos receitas, menos exportação, e com uma crise agrícola permanente.

Mas sendo tudo isto motivos que deponham contra o progresso da Guiné? De modo algum, porque todas estas transitórias dificuldades de ordem económica são fenómenos ou doenças que a guerra a volumou, e que muito mais se fazem sentir em países de administração colonial sem

estabilidade e em colónias ainda em organização.

Mas, voltando ao desenvolvimento da Guiné: para provar essa prosperidade, existem valiosos documentos a compulsar: Em 1921-1922, foi o orçamento da quantia de 4.660.659\$83; em 1922-1923, de 6.671.587\$; em 1923-1924, elevou-se a mais do dobro, ficando em 16.704.669\$35; e para o ano corrente, 1925-1926, fixou-se em 22.314.735\$33. Baseia-se este aumento, dum modo geral, numa necessária actualização de receitas; e duma maneira sensível, na elevação dos impostos de palhota, consumo de vinhos de palma e bebidas alcoólicas, contribuição rústica, e direitos de importação. Analisemos: O imposto de palhota, lançado cautelosamente, para evitar o exodo, além dum aumento de receita, poderá trazer a vantagem de arrancar o indigena à indolência, criando-lhe habitos de trabalho muito mais saudáveis do que a ociosidade, e tudo isto com benefício reflexo no desenvolvimento agrícola; o imposto sobre bebidas alcoólicas, nomeadamente aguardentadas, ainda poderia ser dez vezes maior, de modo a tornar impossível o seu fabrico ou importação sabido, como é, que essas bebidas são o mortal veneno do preto: quanto à contribuição rústica e direitos de importação, não são dos impostos mais simpáticos, aquele por ir onerar a agricultura numa região onde ela ainda carece de auxilio para se desenvolver, e estes porque vêm reflectir-se, imediatamente, no custo da vida, tornando-a mais pesada.

Mas as colónias, dentro da actual organização social, não podem desenvolver-se sem grandes receitas, e não é ilegítimo pedir sacrificios aos que têm obrigação de os fazer.

Mas, aos que supõem ver nesses números do acréscimo orçamental a prova irrefutável da fabulosa riqueza da Guiné, eu ouso lembrar que não é bem assim. E não é, porque nem essas receitas são a consequência duma acção de fomento ou agricultura organizada, que em verdade ainda não existe, nem tão pouco se destinam a larga obra de fomento de que a Guiné está carecida.

Será, na verdade, um bom symptoma o ver-se, em meia dúzia de annos, elevarem-se essas receitas, dum importância insignificante, a mais de 22 mil contos; mas é necessário ter presente que a despeza também é fabulosa, também cresceu assombrosamente, porque em 1919 era aproximada de 17.371.584\$08, só de encargos ordinários, que é como quem diz obrigatórios, e onde a quasi totalidade é absorvida pelo funcionalismo publico.

Ficam, apenas, daquela enorme receita, para fazer face a obras de fomento e desenvolvimento de serviços de saúde e instrução, menos de 5 mil contos—o que é quasi nada, se tivermos em conta que a mão de obra e materiais custam muito dinheiro, que há 14 circunscrições na Guiné, todas carecendo obras e necessitando, naturalmente, de justificar os impostos indigenas e que os seus principais centros urbanos, Bolama e Bissau, carecem de tudo quanto é indispensável à fixação do colono europeu, encontrando-se esta última cidade em circunstâncias de tal ordem que não são os hipotéticos 500 contos do seu magro orçamento municipal que lhe podem bastar.

Chegados a esta altura das nossas considerações, estamos a ouvir o leitor perguntar: —Mas, então, a Guiné está em boas ou más condições?!

Nem uma, nem outra coisa—respondemos—mas apenas no inicio do seu resurgimento animador, mas bastante vagaroso.

Os números officiais do movimento commercial e das receitas da provincia documentam o florescer duma prosperidade que só há pouquissimos annos se desenvolveu; mas o estado embrionário em que a provincia se encontra atesta que não houve ainda tempo, nem as receitas são suficientes, para colocar a colónia no lugar indispensável e devido.

Para essa obra modesta, mas urgente, será preciso gastar muitissimo dinheiro, dispendioso-se imensa energia, e executar-se um plano de administração que, sem deixar de ser pratico, se apoie, muito tecnicamente, na solução dos problemas de saúde, fomento e agricultura.

O critério justo por onde pretendo guiar o raciocínio, diz-me que nestes ultimos quinze annos se tem feito mais na Guiné do que nos restantes quatrocentos e tal, desde a ocupação. Mas como, até há pouquissimos annos, tudo esteve por realizar, sucede que ainda há muitissimo, e nalguns aspectos quasi tudo, por fazer.

Quem quiser vir para aqui tentar fortuna, embora seja honesto e tenha inteligência e vontade, desde que lhe falte o dinheiro deve desistir; porque se teimar em vir nessas circunstâncias, no fim de alguns annos apenas terá amontoado ilusões, cuidados, e, quando muito, algumas poucas centenas de escudos que mal compensarão o abalo da saúde. E quem sonhar o lançamento de audaciosas empresas agrícolas ou industriais, deve primeiro estudar, directamente, a complicada e problemática questão da mão de obra, factor primordial que aqui toma aspectos muito diferentes da metrópole e doultras colónias africanas, e deve munir-se de volumosos, quasi fabulosos capitais.

Quanto às causas de tudo isto, e sobre o aspecto verdadeiramente progressivo da Guiné, iremos dizendo em crónicas successivas, com rigorosa exactidão.

Golfo da Guiné—Setembro, 1925.

Júlio QUINTINHA

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Secção Federal do Norte.—O vosso officio foi apreciado e resolveu-se que fosse

at hoje Adão no comboio da noite.

CALÇADO, COUROS E PELES

Santarem—Manufactores de Calçado—

Recebemos officio, respondemos breve.

A greve dos corticeiros depende da comunicação feita ontem pelos industriais e que hoje será apreciada

Comunicados da greve

Está quasi decorrida a sexta semana de greve dos operários corticeiros, sendo inumeros os sacrificios provocados aos grevistas, durante este tempo, pela ganancia dos industriais.

Em todas as localidades onde os corticeiros lutam para que lhes não reduzam os salarios, essa luta é mantida com uma coesão e animo admiráveis. Assim, enquanto que os industriais se obstinam nos seus infundados desígnios, os corticeiros de algumas localidades como Sines e Messines, manifestam-se pela reclamação dos primeiros 10 «!» retirados. Nas restantes localidades: Almada, Barreiro, Seixal, Belém, Poço do Bispo, Amora, Alhos Vedros, Alagaleja, Vendas Novas, Setúbal, São Tiago do Cacem, Silves, Castelo Branco e Odeira, e segundo as comunicações recebidas, a greve prossegue, através de sentidos sacrificios, estando os grevistas confiantes na vitória.

Nota do comité da greve

Camaradas: Após tantos dias de luta ainda a razão que nos assiste não calou na mente obliterada pela usura dos nossos industriais.

Macabro é o prazer que esses sanguessugas do nosso suor têm em sacrificar-nos e às nossas familias, negando-nos uma parte muito infima do que arrecadam, produto do nosso esforço.

O Conselho Federal Corticeiro vai hoje apreciar a resolução ontem tomada pelos industriais. Que haja persistência do nosso lado. Que todos se disponham a manter a luta até vencermos!

A'vante camaradas!

Federação Corticeira Nacional

Reúne hoje o conselho federal, pelas 12 horas, para assunto importante.

A comparencia de todos os delegados directos e indirectos, é indispensável.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Problema da habitação na América do Norte

Sobre as condições do alojamento nos Estados Unidos, publicou a R. I. T. um interessante estudo em que se demonstra que a situação dos trabalhadores é muito precária. Aquele país sente muito superficialmente os efeitos directos da guerra no respeitante ao problema da habitação. Justifica um pouco este facto a predominância dos pequenos proprietários das casas que habitam na América do Norte.

Contudo deve-se mencionar que a proporção desses proprietários diminuiu durante os trinta ultimos annos. Em 1890 sobre 100 casas, encontrava-se 52,2 alugadas e 47,6 habitadas pelos donos, passando em 1920 a respectivamente 55,4 % e 44,6 %. Pode-se afirmar que a falta de casas nos Estados Unidos da América do Norte foi um fenómeno local e passageiro. Nos centros industriais ocupados no fabrico de armamentos e munições de guerra, o alojamento foi mais ou menos normal desde o fim das hostilidades.

Na América do Norte, como na Europa, a guerra sobreveio em momento que a actividade construtora tinha afrouxado. Os capitalistas particulares verificaram que as empresas de edificação não ofereciam benefícios suficientes, e despresaram esse emprego de capital. Depois da paz a iniciativa da construção particular animou-se. Desde 1917 verificou-se a alta dos salarios e preço elevado dos materiais de construção. Esse movimento acentuou-se em 1920. Neste anno as condições de transporte foram desfavoráveis, o preço do carvão subiu, os capitais tornaram-se raros. A edificação deixou de ser uma industria rendosa. Daí a restrição da actividade manifestada após a paz.

Só em 1921, pela baixa geral dos preços e redução de salarios, a actividade construtora aumentou regularmente, e persistiu em 1921-1923. Em 250 cidades, o número das licenças para edificações foi de 217.231 em 1923; 231.373 em 1922; e havia sido de 156.980 em 1921. Verificou-se que as classes da população que mais sofriam com a crise não haviam beneficiado em larga escala com a renascença industrial. A questão do alojamento não está ainda resolvida no referente aos salarios menos remunerados. Reformadores de habitações, construtores filantropicos, patrões, grupos cooperativos e as autoridades publicas não terminaram o seu labor.

Em conclusão, o estudo publicado pela Repartição Internacional do Trabalho é precioso como subsidio para o estudo do problema da habitação, assunto social que interessa hoje a todos os países.

"Chronique de la Sécurité"

E' o titulo de um periódico bi-mensal, publicado pela Repartição Internacional do Trabalho e destinado à descrição dos métodos utilizados em diversos países com o fim de assegurar a segurança dos trabalhadores. Assim, insere um artigo sobre os accidentes provocados pelos aparelhos de accetillera. Dada a origem mais ou menos misteriosa de tais accidentes, esse artigo oferece bastante interesse.

Insere o mesmo numero outro artigo, illustrado, sobre o Museu do Trabalho de Munique, o qual tem por objectivo: 1.º Escorajar os esforços feitos no domínio da protecção operária, tornando conhecidos as innovações recomendáveis em matéria de prevenção dos accidentes, de higiene industrial, do alojamento, da alimentação, bem como outras providencias destinadas a melhorar a situação dos trabalhadores.

2.º Fazer demonstrações relativas ao emprego de dispositivos de protecção adaptados a máquinas em movimento, aparelhos, etc., experimentar novos dispositivos de protecção e tornar conhecido o modo de empregá-los. 3.º Organizar conferências concernentes à protecção operária, à higiene industrial, etc.

A propósito dum conflito lamentável

Da Federação Ferroviária, e a propósito do conflito travado entre os dirigentes do Sindicato do Pessoal Ferroviário da Companhia Portuguesa e aquele organismo federativo, recebemos, com pedido de publicação, as cartas que passamos a reproduzir:

Camarada director do jornal "A Batalha".—Tendo o jornal "A Batalha" de 5 do corrente, publicado uma entrevista com um componente da comissão administrativa do Sindicato do Pessoal da Companhia Portuguesa, a qual ataca duma maneira desleal a Comissão Executiva deste organismo, cujo ataque atinge todos os sindicatos aderentes a esta Federação, visto estarem de accordo com os trabalhos da referida Comissão Executiva, e tendo o Conselho Federal dado o seu apoio formal a toda a acção desenvolvida pela Federação e confirmada em notas officiosas dos respectivos sindicatos, por aí se vê a nenhuma razão do ataque constante por parte dos dirigentes do Sindicato da C. P.

No dia 6 do corrente, reuniu a Comissão Executiva da Federação, que entre outros assuntos apreciou a citada entrevista e resolveu officiar ao director do jornal em questão, esclarecendo o assunto devidamente.

Admirado ficou esta comissão da referida carta não ter sido publicada na integra, pois a parte mais importante foi cortada, e assim verificamos que da parte daquelle jornal houve parcialidade, porque no jornal do dia 8 trazia uma carta do autor da "entrevista" com mais insinuações e falsidades, do que, se a carta desta Federação tivesse sido toda publicada, se veria o infundamento de tais insinuações.

Cita o referido sr. que a carta é da autoria de 3 componentes desta Comissão Executiva; pois tal não é verdade porque a mesma era assinada por outro componente que junto com os restantes camaradas a sancionou e assinou, estando assim a comissão reunida em maioria, faltando apenas 2 componentes que não poderam comparecer.

A carta do componente da Comissão Administrativa do Sindicato da C. P. é desfeita pelo próprio jornal que na secção "Movimento Operário" traz a seguinte nota: "Todos os Sindicatos Ferroviários se declararam solidários no conflito existente entre a Federação Ferroviária e o Sindicato da C. P., reprovando o procedimento deste ultimo. Este conflito interno ameaça não ser tão cedo solucionado."

Para que se verifique a razão que assiste à Federação e para bem da organização da classe ferroviária, pedimos ao camarada a publicação na integra da carta enviada ao director do jornal "A Batalha", e que foi mutilada bem a nosso desgosto.

Agradecemos, Pela Comissão Executiva, Júlio Cesar de Sousa Vilas Boas.

Sr. director do jornal "A Batalha"—Lisboa.—Tendo o jornal que v. mui dignamente dirige publicado no sábado passado uma entrevista com o secretario administrativo do Sindicato da C. P. sobre o conflito suscitado entre o mesmo e a Federação Ferroviária, e como aquella vem propositalmente obscurecer mais a questão, apelamos para a lealdade de v. m. fim deste organismo poder expor nas colunas do vosso jornal a sua opinião, que neste caso representa a dos organismos que com a Federação se encontram em boas relações, ou sejam os Sindicatos do Sul e Sueste, Minho e Douro e Beira Alta. Certos de que v. m. não deixará de atender este direito de defesa, comparemos por explicar que existindo realmente uma questão pessoal entre determinados elementos que se encontram no Sindicato da C. P., com Mário Castelhamo e Manuel Henrique Rijo, este facto, contudo, só serve de pretexto de v. m. não cumprirmos dos deveres federativos que aquele Sindicato contraiu no 1.º Congresso Ferroviário e pela classe sancionados através toda a linha.

O conflito, portanto, é colectivo e não individual, e ao verdadeiro isto é que são os sindicatos do Sul, Minho e B. A. os primeiros a estar em desacordo com o Sindicato da C. P. pela forma como este tem tratado do assunto, porquanto no Conselho Federal, onde todos os sindicatos têm assento, não foi posta a questão pelo Sindicato do Pessoal da C. P., o que não se compreende de forma alguma, quando extra-Federação se ataca esta tão sistematicamente.

As decisões que na citada entrevista se afirma terem sido tomadas em assembleia geral não traduzem a vontade da classe. Explicamos: A adesão à Federação pela classe da C. P. foi sancionada em Lisboa e na várias delegações que há ao longo da linha e em vários pontos principais desta. Ora, uma suspensão de relações ou qualquer outra resolução grave que a classe tome não pode restringir-se simplesmente às assembleias da sede, ou seja em Lisboa. Mas ainda nestas a votação é diminutissima—dez a quinze votos a mais, numa assembleia constituida por 60 ferroviários apenas, se cortaram as relações com a Federação, quando o sindicato deverá ter para cima de 2.500 socios!

Perguntar-se há: mas então como é isso? Porque a maioria do pessoal de Lisboa, indignado com o procedimento da comissão administrativa do sindicato, que é quem influencia toda esta questão, deixou de pagar cotas e este erro, no nosso modo de ver, é que dá origem a que nas assembleias gerais um numero diminutissimo pontifique.

Com um pouco mais de visão dos que deixaram de pagar, a questão modificaria-se ia por completo, porque a Federação está no espirito da maioria da classe.

Por parte da Federação não tem havido imposição alguma e quem conhece como a organização operária se movimenta, sabe que a acção de qualquer organismo federativo é determinada pelas resoluções do respectivo conselho federal.

Afirmamos também perentoriamente que o Sindicato da C. P. nunca pagou com regularidade a quotização à Federação nem cumpria com o que em assembleias passadas a classe determinava que se fizesse.

De Abril de 1924 a Fevereiro de 1925, devia aquele organismo, segundo resoluções das suas assembleias gerais e do conselho federal, enviar à Federação e quantia de 17.523\$80, tendo, porém, contribuído só com 9.800\$00—débito=7.723\$80, débito aliás que a comissão administrativa do Sin-

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Rúne hoje, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil—Secção Profissional dos Serventes.—Reuniram em assembleia geral os componentes desta Secção, tendo sido nomeada a comissão revisora de contas que ficou composta por Amadeu Silva, Tito Moraes e António Cabral.

Fôram eleitos os corpos gerentes para o futuro anno de 1926. Comissão Administrativa: José Felizardo Cardoso e Amadeu Silva, secretários; Manuel Patrão, tesoureiro; Abel de Lemos; Joaquim Aparício, vogais. Conselho Técnico: Manuel Patrão, António Guedes e José Paulo Fraqueta. Conselho de Secções: Alexandre Assis e Alfredo Miranda. S. U. da Construção Civil, António Guedes. Comissão Escolar, Alfredo Miranda. Comité da Sede, António Cabral. Ficou igualmente constituída a comissão de defesa profissional dos serventes composta por Manuel Patrão, José Felizardo Cardoso e Abel de Lemos. Sobre este assunto João Caldeira fez uma interessante palestra que bastante agradou, expondo com clareza as vantagens que oferece a sua constituição.

Alexandre Assis informou a assembleia das demarches effectuadas até à data para atenuar a crise de trabalho, tendo sido resolvido aguardar que o Sindicato Unico de libere e acatar o que deliberar.

Canteiros e Polidores de Marmore.—Nomeou delegado a sessão solene da Secção Profissional dos Carpinteiros para inauguração duma bandeira sindical, o camarada Artur dos Santos.

Reuniu em assembleia geral apreciando officios da Associação de Montelavar, do Sindicato de Tires e da Federação da Construção Civil aos quais foi resolvido responder.

A assembleia occupou-se também da próxima cogrerência corporativa e tratou de assuntos que se prendem com a construção do monumento ao Marquês de Pombal.

Operários Alfaiates.—Escola profissional de corte de fatos.—Continua aberta a inscrição para alunos desta aula, até ao fim do corrente mês. As condições são as seguintes: os candidatos a alunos devem ter pelo menos 3 annos de socios, podendo os que têm já um anno, satisfazer a importância relativa a 3 annos. O curso importa em 75\$00 pagos em 11 prestações, sendo a primeira de 25\$00 e as restantes de 5\$00 cada. A matrícula está aberta na sede, todos os dias, das 19 às 22 horas.

Federação Vinícola.—Reuniu a comissão administrativa despachando vario expediente. Apreciou um officio da Secção Federal do Norte sobre a greve dos Tanneiros de Gaia, tendo sido largamente

dicado da C. P. diz não existir, quando até na própria quota sindical a importância que o pessoal pagava e paga para a Federação estava devidamente discriminada.

Agora, e abusivamente, porque o pessoal o não determinou, nem mesmo nas referidas assembleias, é que essa designação desapareceu da citada quota, a fim de não constituir débito à Federação.

Quando ao facto do conselho federal não reñir durante determinado período de tempo, a culpa foi dos Sindicatos que não davam margem a essas reuniões, o que foi devidamente justificado e aceite pelos delegados das linhas que sinceramente desejam organizar.

Quando a Mario Castelhamo e Manuel Henriques Rijo, como atrás dizemos servem de pretexto para encobrir o que no fim de contas são os desejos dos corpos gerentes do Sindicato da C. P.: desorganizar.

Esses camaradas estão dentro da Federação por resolução do 1.º congresso. Note v. que Castelhamo já era demittido há dois annos quando o Congresso se realizou e foi ele um dos seus organizadores. Pois todas as linhas, incluindo Lourenço Marques, o consideraram ferroviário e o nomearam para a comissão executiva da Federação. Mais ainda: o referido Castelhamo esteve na mesma situação de demittido à frente dos ferroviários da C. P., que aprovaram essa situação em assembleias gerais em toda a linha—durante três annos.

Quando a Rijo, foi demittido da C. P. em 1925, mas foi o congresso que o nomeou e está dentro dos Estatutos dos diferentes Sindicatos, tendo estado também à frente dos ferroviários da C. P.

Evidentemente que percebem uma remuneração, devido à sua situação de demittidos, mas esta foi determinada pelo conselho federal e sancionada pelos delegados da C. P.!!!

Sobre despesas da Federação, num anno, segundo diz o entrevistado—23.116\$62—10.500\$00 para Mario Castelhamo e Manuel Henriques Rijo.—Se os Sindicatos, porém, tivessem pago a totalidade das suas quotizações, teriam entrado na Federação nesse mesmo período de tempo—47.333\$80 e as remunerações teriam sido as mesmas e nessa altura já não era quasi 50 % mas sim 22 %!

Mas é caso interessante o seguinte: Enquanto a Federação num anno gasta 23.116\$62, o que parece causar certa admiração, o Sindicato da C. P., em igual período de tempo, gastou 69.297\$75!

Fica, pois, por esta forma aclarada a questão e se não vai mais pormenorizada é para a não tornar muita extensa e não occupar muito espaço ao nosso jornal.

No conselho federal, local próprio para se debater este momentoso assunto, ele continuará a ser apreciado pelas linhas federadas. Agradecemos a publicação destas linhas, subscrevemo-nos com toda a consideração.—Pela comissão executiva—Júlio Cesar de Sousa Vilas Boas.

Ecos dos ultimos temporais

Tendo abatido uma parte da escarpa do 2.º cemiterio (Prazeres) e prometendo o seu esborçamento continuar, o sr. dr. Alfredo Guizado resolveu que fossem avisados os moradores das construções existentes na parte debaixo da referida escarpa, que têm as suas serventias pela rua Maria Pia, do perigo em que se encontram.

A comissão executiva concordou com a resolução tomada.

apreciado em virtude de várias afirmações nele produzidas e feitas num comício em Gaia por um camarada daquelle organismo.

A comissão administrativa resolveu por fim enviar a Gaia o camarada Tavares Adão a fim de desfazer dvidas e orientar o movimento grevista. Esse camarada deve embarcar hoje no comboio da noite, devendo ir o secretario administrativo buscar os documentos que estão em seu poder.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—A comissão organizadora e instaladora da Biblioteca deste Sindicato por este meio agradece aos proprietários da livraria Avelar Machado, a oferta de 6 livros para esta biblioteca.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Manipuladores de Pão.—Pelas 15 horas, sendo indispensável a comparencia do tesoureiro e da comissão de Melhoramentos para assuntos de resolução inadiável.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

—O pessoal das diversas officinas e fábricas deverá enviar delegados a uma reunião que hoje se effectua, pelas 20,30 horas.

S. U. da Construção Civil.—Para assuntos de inadiável resolução, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Secção dos Pedreiros.—Pelas 20 horas, em conjunto, as comissões administrativa e profissional.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação do Livro do Jornal e Similares.—O secretario, às 20,30 horas, à mesma hora os delegados das direcções dos Sindicatos de Lisboa, a fim de receberem o Gráfico.

Federação Ferroviária.—Amanhã, pelas 18 horas, a Comissão Executiva, para tratar assuntos muito urgentes.

S. U. Metalúrgico.—Secção do Poço do Bispo.—A reunião da comissão administrativa que se devia realizar ontem, fica transferida para o próximo sábado, pelas 20,30 horas, a fim de imprevisivelmente se fechar as contas de Novembro com os colaboradores.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne hoje, pelas 20 horas.

Comissão organizadora da Secção Central.—Reúne hoje, pelas 20 horas.

Secção de Alcântara.—Um grupo de jovens operários da área de Alcântara, desejosos de se preservarem da atracção delictória das casas onde o vicio domina e de aproveitar as horas do ocio, desenvolvendo a sua mentalidade e procurando tornar-se uns valores úteis e perfeitos, está a organizar uma secção de juventude sindicalista, para o que já têm inscritos grande numero de jovens, esperando que muitos mais acorram a inscrever-se.

SOLIDARIEDADE

Pró-Joaquim